

Azulejaria como prática poética urbana em Cataguases

A construção da paisagem através de vínculos entre arte, arquitetura, corpo e memória.

Palavras-chave: Azulejaria; Experiência; Ornamento; Percepção; Poética do espaço; Paisagem.

Alissa Rezende dos Santos; arquiteta urbanista; Viçosa, Minas Gerais;
alissarezende@hotmail.com

1. Introdução

A experiência sensorial das pessoas nos centros urbanos tem sido muito afetada devido à rotina acelerada do cotidiano (BONFIM, 2023). No entanto, muitos elementos arquitetônicos e artísticos têm o potencial de reacender essa percepção, estimulando a atenção, o corpo e os sentidos (FIORIE & SCHMID, 2019). Entre esses elementos, as composições visuais e materiais propõem e instigam o diálogo com o ambiente e a construção da memória coletiva, resultando em experiências mais afetivas do lugar (DE PAIVA ARDÉRIUS, 2010; TERRAZA, 2015)

Exemplo disso são os painéis de azulejos na cidade de Cataguases, na região da Zona da Mata Mineira, considerada por muitos um dos berços da arquitetura modernista do Brasil (PEREIRA, 2016; DE ÁVILA, 2011). Dessa forma, Cataguases revela-se como um território de sensibilidade urbana, onde a arte e arquitetura compõem uma paisagem que acolhe, desperta e comunica (MOTA, 2019). A cidade reúne obras únicas que transformam e marcam a cidade, proporcionando uma experiência urbana rica e partilhada.

Nesse contexto, os painéis de azulejos assumem um papel singular, articulando utilidade, estética e significado cultural no espaço construído (DA CUNHA MELOO, 2015; DA SILVEIRA, 2008), então interessa investigar a azulejaria presente em Cataguases como linguagem poética, meio de expressão e materialidade ativa na produção arquitetônica moderna, capaz de gerar experiências sensíveis e promover vínculos entre corpo, cidade e memória.



Imagem 1 – “Feira Nordestina” Anísio Medeiros, 1958.
Cataguases-MG.

2. Objetivos e Relevância

A pesquisa objetiva investigar como a presença da azulejaria, contribui para a promoção de um espaço público que se relaciona com as pessoas, criando um vínculo, uma intimidade entre arte, arquitetura, o sujeito e a cidade, com a cidade de Cataguases como campo de estudo.

Assumindo a presença dos azulejos como dispositivos poéticos presentes no cotidiano, o trabalho busca refletir sobre o papel da azulejaria enquanto recurso artístico na arquitetura, extrapolando sua função utilitária para alcançar uma dimensão sensível, perceptiva, contribuindo para pensar práticas artísticas que não apenas habitam o espaço, mas o regeneram enquanto campo de possibilidades.

3. Metodologia

Os métodos adotados são qualitativos, combinando mapeamento e registros fotográficos, observações in loco e análises visuais dos murais cerâmicos presentes em Cataguases. Obras como “Feira Nordestina” (Imagem1) e “Os pássaros” de Anísio Medeiros, “As Fiandeiras” de Cândido Portinari (Imagem 2), “A vida de Santa Rita” de

Djanira foram analisadas. A escolha desses murais, entre muitos outros na cidade, foi baseada pela sua associação a marcos arquitetônicos, reconhecidos pela população como pontos de referência no espaço urbano.

Além disso, foram consideradas conversas informais com famílias da cidade envolvidas com o meio artístico, cujos relatos contribuíram para aprofundar a compreensão sobre o contexto cultural, histórico e afetivo da azulejaria em Cataguases.

4. Resultados: a azulejaria como agente na construção da paisagem sensível da cidade

A azulejaria atua como agente poético e narrativo na cidade. Os murais permanecem como meio de expressão, instrumento transformador e significante do espaço. Como parte indissociável da arquitetura, os painéis são capazes de intensificar os volumes, trazer leveza às paredes, expandir o espaço virtualmente através de elementos gráficos, atuar efetivamente na promoção da experiência plástica, incitando os sentidos humanos.

Devido às vantagens técnicas de impermeabilidade e resistência, os azulejos foram decisivos para que os artistas modernos se dedicassem à experimentação e arrebatassem o espaço urbano, a promoção de uma arte pública acessível (MELLO, 2015). A vanguarda moderna consegue, portanto, “humanizar o vocabulário abstrato da arquitetura com um recurso simbólico da tradição” (MELLO, 2015, p.65).

Assim, em meados do século XX, a produção de arte assumiu um caráter cotidiano, tornou-se parte da vida coletiva e, portanto, um mecanismo estético de transformação do espaço. Percebe-se então a mudança no conceito de arte pública (FEITOSA, 2005), que não se trata mais da arte em local público, mas da arte que estabelece um diálogo com o espectador e com o espaço em que está inserido.

Dessa forma, artistas como Cândido Portinari, (1903-1962), Djanira da Motta e Silva (1914-1979), Anísio Medeiros (1922-2003), Udo Knof (1912-1994), entre outros, realizaram murais azulejares significativos para o acervo artístico nacional (WANDERLEY, 2006). Exemplos relevantes desses murais estão localizados na cidade de

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

Cataguases, no interior de Minas Gerais. O município foi de suma importância para o movimento moderno devido à revista Verde, lançada em 1927 que, como afirma Luiz Ruffato (1961), mesmo não sendo a única revista da época, foi a que reuniu o que havia de melhor do pensamento modernista nacional. Por conseguinte, a cidade possui um rico acervo arquitetônico, artístico e azulejar do movimento moderno.

Nesse contexto, os painéis de azulejos não apenas revestem, mas criam relações simbólicas com o entorno, ademais:

“A inscrição de narrativas específicas em espaço público colabora para gerar valores sociais e políticos de que se podem destacar, por exemplo, a representação da memória dos lugares, das questões de inclusão social, da diversidade cultural, da interculturalidade e dos direitos sociais, bem como contribuições para com a salvaguarda do patrimônio azulejar” (Pais, Menezes, 2021, p.309)

O mural “As Fiandeiras”, de Cândido Portinari, executado por Américo Braga é exemplar nesse sentido: retratando seis mulheres envolvidas no ofício de fiar, a obra evoca e celebra diretamente a força laboral que transformou a história da cidade de Cataguases, cuja indústria têxtil impulsionou seu crescimento econômico e urbanístico. Esse processo de industrialização foi também responsável por uma intensa efervescência cultural e artística entre as décadas de 1920 e 1960, marcado pela colaboração entre intelectuais locais, artistas e arquitetos, que resultou na formação de um conjunto modernista.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025



Imagem 2 – “As fiandeiras” de Cândido Portinari, 1956, Cataguases-MG.

Outros murais relevantes são os painéis de Anísio Medeiros como o mural “Os Pássaros” na fachada externa do Educandário Dom Silvério, projetado por Francisco Bolonha (1923-2006) em 1954, e “Feira Nordestina” na residência Nanzita que data de 1958. Há ainda o mural da artista Djanira de 1968 localizado no Santuário Diocesano de Santa Rita de Cássia.

Outro destaque é que o azulejo continua sendo utilizado para a produção de novos murais na cidade, como o painel Alegoria Elétrica que foi realizado para a nova fachada da companhia Energisa, criado por Rafael Zavagli (1981-) em 2017.



Imagem 3 – “Alegoria Elétrica” de Rafael Zavagli, 2017
Cataguases-MG.

Os azulejos cotidianos, nas casas e painéis de Cataguases, com seus ritmos e arranjos, persistem porque são parte do organismo da cidade. Persistem porque fazem parte do imaginário e identidade da cidade, constroem um vínculo de integração que atravessa gerações.

Essa ornamentação cotidiana revela o papel do azulejo como “veste” da arquitetura, metáfora recorrente em Stéphane Huchet (2012), que concebe o ornamento como carne e não como cobertura: elemento constitutivo da forma arquitetônica e como agente de pertencimento.

A proposta é apreender o espaço circundante não como uma massa estática e inanimada, e sim um meio que propõe a interação, um convite à vivência, à experiência, ao deslumbre, à cumplicidade. Assim, é possível afirmar que os sentidos são responsáveis pela espacialização que o homem faz do mundo e é através deles que se desenvolvem fortes sentimentos no/pelo espaço. Indo além, “o senso de lugar e as relações de percepção do homem com o seu meio através dos sentidos delineiam a riqueza de sensações nas cidades.” (KANASHIRO, 2003, p.2).

Como destaca Fayga Ostrower (1987), a percepção sensível é condição essencial para que o sujeito compreenda o mundo e a si mesmo, e nesse sentido, o ornamento tem papel formativo e educativo. O uso de azulejos em fachadas domésticas e comerciais em Cataguases reforça esse tecido urbano sensível, revelando que a paisagem não se faz apenas por monumentos, mas também por superfícies vividas e apropriadas. A azulejaria contribui para tornar o espaço comum mais legível, mais humano e mais belo — e, por isso, mais partilhável.

5. Considerações finais

O estudo aponta que a azulejaria, como prática projetual e poética, oferece caminhos para reconstruir vínculos sensíveis entre corpo e espaço, arte e arquitetura, memória e cidade. O caso de Cataguases convida a refletir sobre a potência do ornamento e da arte aplicada como elementos fundadores de uma ética urbana do cuidado e do

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

indivíduo como ponto de partida para a construção de cidades mais justas, quase palpáveis, proposição essencial que norteia esse trabalho.

Compreender o ornamento como gesto criador é também retomar a possibilidade de olhar, sentir e pertencer, uma prática de reinvenção dos modos de habitar o mundo. Por esse motivo, é importante reconhecer a importância da azulejaria no Brasil para além da sua utilidade física, vantagem construtiva, mas também como permanência da memória e das relações que se estabelecem entre os indivíduos e deles com o espaço e a cidade que coabitam.



Imagem 4 – Número de casa em Cataguases-MG.

REFERÊNCIAS

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. **Cidade e afetividade**. 2023.

DA CUNHA MELLO, Eliana Ursine et al. **O panorama do patrimônio azulejar contemporâneo brasileiro visto através do seu inventário: do século XX ao século XXI**. 2015.

DA SILVEIRA, Marcele Cristiane. **O azulejo na modernidade arquitetônica**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

DE ÁVILA, Vânia Roseli Vilela. **Um breve passeio pelo universo cultural são-joanense e cataguasense: o barroco, o ecletismo e o modernismo**.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

DE PAIVA ARDÉRIUS, Filipa. **Labirinto da Memória: Notas Sobre a Memória Colectiva na Arquitectura e nas Artes Plásticas**. 2010. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra (Portugal).

DOS SANTOS, LÍGIA MELO. **A arquitetura de ontem e de hoje em Cataguases (mg): reflexões sobre a simultaneidade de estilos**. 2019. Trabalho de Conclusão de curso. Universidade de Brasília.

FEITOSA, Aline N. **Athos Bulcão: sua arte e o turismo cultural em Brasília**, 2005. 44f. Monografia - Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

HUCHET, Stéphane. **Intenções espaciais: a plástica exponencial da arte (1900-2000)**. História & Arte, Belo Horizonte, C/Arte, 2012. 234 f.

KANASHIRO, Milena. **A cidade e os sentidos: sentir a cidade**. Desenvolvimento e meio ambiente, n.7, p.155 – 160, jan/jun de 2003.

MELLO, Eliana U. C. **O panorama do patrimônio azulejar contemporâneo brasileiro visto através do seu inventário: do século XX ao século XXI**. Dissertação- Belo Horizonte, 2015.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

PAIS, Alexandre Nobre; MENEZES, Marluci. **Tatuagens da cidade: expressões contemporâneas do azulejo em espaço público**. In: ANDRÉ, Paula (org.). *Antologia de ensaios: laboratório colaborativo – dinâmicas urbanas, património, artes*. Lisboa: Dinâmia-CET-ISCTE/IUL, 2021. p. 303–312. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/23207>. Acesso em: 6 ago. 2025.

RUFFATO, Luiz. **Os ases de Cataguases- uma história do modernismo**. Cataguases: Instituto Francisco de Souza Peixoto, 2002.

WANDERLEY, Ingrid M. **Azulejo na arquitetura brasileira- os painéis de Athos Bulcão**. 2006. 160 f. Dissertação- Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.